



# IDENTIDADE E DEPRESSÃO NA DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA NO CONTEXTO ADOLESCENTE: UMA ANÁLISE À LUZ DE PRESSUPOSTOS DA FILOSOFIA EXISTENCIAL

IDENTITY AND DEPRESSION IN TECHNOLOGICAL DEPENDENCE IN THE  
ADOLESCENT CONTEXT: AN ANALYSIS BASED ON ASSUMPTIONS OF  
EXISTENTIAL PHILOSOPHY

Jonas Silva Ferreira<sup>1</sup>  
Elisiene Chaves Fagundes<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** Este estudo foi realizado com o objetivo de compreender como os modos de subjetivação, identidade e representação do adolescente contemporâneo são transformados pelas tecnologias da comunicação, discutindo sobre a sintomatologia da dependência e da depressão; bem como as formas como cada sujeito têm de lidar com essas facetas nos seus processos intrapsíquicos e sociais. Baseado em entrevistas realizadas em um projeto de pesquisa anterior, com adolescentes de escolas públicas da região metropolitana de Betim, o artigo busca a análise dos fatores que ligam a tecnologia e o contexto adolescente. Três principais facetas da utilização das redes sociais foram identificadas nesse cenário: o caráter de inserção nas redes; a dependência e os aspectos intrapsíquicos advindos com a utilização da internet; o autoconhecimento da dependência. Com efeito, argumentamos que esse tipo de tecnologia, em seu uso abusivo, causa uma dependência, está sendo um processo gradual, que afeta o adolescente psicologicamente. Entendemos que os modos de dependência são diversos, e podem ser expressos, tanto pelas vias de depressão, como, por irritabilidade, angústia, e outras tantas organizações comportamentais e impactos psicológicos, e que a identidade se torna um processo fluido nessa rede de relações abertas que são as tecnologias da comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; depressão; fenomenologia existencial e redes sociais; redes sociais e adolescentes; tecnologias da comunicação e psicologia.

**ABSTRACT:** This study was carried out with the objective of understanding how the modes of subjectivity, identity and representation of contemporary adolescents are transformed by communication technologies, discussing the symptoms of dependency and depression; as well as the ways in which each subject has to deal with these facets in their intrapsychic and social processes. Based on interviews conducted in a previous research project, with adolescents from public schools in the metropolitan region of Betim, the article seeks to analyze the factors that link technology and the adolescent context. Three main facets of the use of social networks were identified in this scenario: the insertion character in the networks; dependency and intrapsychic aspects arising from the use of the internet; self-knowledge of addiction. In fact, we argue that this type of technology, in its abusive use, causes an addiction, this being a gradual process, which affects the adolescent psychologically. We understand that the modes of dependency are diverse, and can be expressed, both through depression, as well as through irritability, anguish, and so many other behavioral organizations and psychological impacts, and that identity becomes a fluid process in this network of open relationships which are the technologies of communication.

**KEYWORDS:** Identity; depression; existential phenomenology and social networks; social networks and teenagers; communication technologies and psychology.

---

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. [jonasferreirar@hotmail.com](mailto:jonasferreirar@hotmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora do estudo. Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. [elisiene.fagundes.ef@gmail.com](mailto:elisiene.fagundes.ef@gmail.com)



## 1 INTRODUÇÃO

Podemos perceber que, nos últimos anos, a grande frequência de utilização das tecnologias digitais, como as redes sociais, vem se alastrando no contexto adolescente, de forma a abrir um grande campo de investigação para os impactos destas nas conjunturas psíquicas dos sujeitos. O presente artigo foi elaborado com base em uma pesquisa anterior, realizada na instituição de ensino da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Betim, no curso de graduação em Psicologia, como programa das disciplinas de Estágio Básico I e II, na qual se pesquisou sobre os aspectos das redes sociais no comportamento de grupo, e como essas redes afetam nas relações interpessoais dos adolescentes de escolas públicas, localizadas nas cidades de Betim, São Joaquim de Bicas e Sarzedo. Nesse projeto de pesquisa realizado por Alves, Costa, da Costa, Ferreira, Simão, Silva, Valadares e Huertas (2018), os adolescentes entrevistados demonstraram aspectos de dependência em relação às redes sociais, sintomas de ansiedade e estresse e, com isso, foi percebido que a própria representação desses adolescentes toma uma nova forma de significação, bem como novas formas de relacionar-se com o outro, e uma aparente necessidade de conexão contínua com a rede.

Dessa forma, este artigo pretende investigar de que maneiras as tecnologias de comunicação e redes sociais se configuram como uma ferramenta de construção de identidade e da representação do adolescente; assim como analisar a sintomatologia da dependência tecnológica e da depressão advinda nesse cenário, e como tal se expressa no corpo e no psíquico do adolescente, em busca de entender como essas dependências transformam seus modos de subjetivação e expressão da identidade. Vale ressaltar que adolescentes e jovens fazem parte da faixa etária que mais utiliza as redes sociais, sendo transformados diariamente nessa utilização, assim como os mais acometidos pela Dependência de Internet (EIJNDENE, 2010), bem como por estarem mais vulneráveis ao uso patológico da internet, como descrito por Ha e outros (2007).

Sob essa ótica, o estudo presente neste artigo conduz-se de observações pertinentes para os dias atuais, evoca reflexões sobre os processos de inserção dos adolescentes nas redes, a consciência do uso e dos seus modos de ser nesse contexto. À vista disso, essas reflexões acabam por engendrar possibilidades de ação para a sociedade e a academia, abrindo-se como fonte de pesquisa e a uma possível análise mais profunda. Através disso, observamos a importância de se evidenciar a visão do jovem e os aspectos de sua vivência em relação ao uso das tecnologias mencionadas, com intuito de possibilitar melhores formas de compreensão desse público.

Desse modo, procurou-se esclarecer e analisar os processos sociais e psíquicos que englobam o adolescente em relação às tecnologias de comunicação e redes sociais. Realizou-se uma pesquisa nas bases de dados virtuais e abertas SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), revistas, outros periódicos online, bem como no portal de periódicos da PUC e de outras instituições, com o objetivo de se criar uma base teórica sustentável para que fosse possível iniciar as discussões pertinentes ao assunto de pesquisa. Percebeu-se que pouco se tem em relação a pesquisas no campo fenomenológico no tocante às redes sociais e adolescentes, sendo encontradas poucas produções ao pesquisar por descritores como: "identidade e redes sociais; fenomenologia existencial e redes sociais; tecnologias da comunicação e psicologia" entre outras. Entretanto, os estudos sobre "redes sociais e adolescentes" são crescentes, assim como "dependência de internet", "depressão e redes sociais", "depressão e tecnologias" entre estudos que enfocam os comportamentos e o envolvimento com as novas tecnologias dos adolescentes e jovens.

## **2 O CONTEXTO ADOLESCENTE - IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DAS REDES**

As estruturas de identificação e interação nos processos relacionais são primordiais no desenvolvimento do adolescente, enquanto este se encontra no estágio de adultez emergente, descrito por Andrade (2016), como uma fase da vida em que o adolescente passa por várias alterações psicológicas, relacionadas desde a aceitação pelas suas escolhas e responsabilidades, a construção da identidade e a independência social dos pais, bem como a busca pela autonomia e maturidade.

Esse adolescente, por meio dos processos de identificação em sua socialização, constrói e modifica sua identidade em consonância com os grupos em que se insere, ou que se vê representado. Essa representação tende a levar a uma elaboração mais complexa dos modos de subjetivação de cada indivíduo, bem como a produção de encontros com o outro para a constituição de uma base de significados, valores e ideais sociais.

No decorrer das épocas, várias foram as formas em que se expressara a organização de uma identidade individual. A regulação dessa identidade engloba as fases de apreensão de conceitos, afetos do contexto social, experiências do vivido na alma coletiva, na relação com o mundo externo e o próprio ser. Assim, é importante destacar que a identidade é sincrética, um sentido de totalização, e está ligada ao coletivo, de forma que ambos não podem ser pensados de forma isolada no mundo, pois, de acordo com Guattari (1996), os vários componentes de

subjetividade acabam por difundirem-se como fluxos, percorrendo o meio social, colocando-lhe em movimento.

Dessa forma, como exemplifica Dias (2003), em um estudo realizado para investigar as opiniões de jovens e adolescentes sobre a utilização da internet, esses contextos são vislumbrados como “locais” de entretenimento e de encontro com pessoas de suas relações face a face, ou da própria rede, que possuem características e interesses similares. Além disso, na linha de Maffesoli (1998), por existir essa necessidade de identificação com um dado grupo, surge um movimento de descolamento do próprio ego em nome do ego da comunidade, um movimento nomeado como "tribalismo pós-moderno". Assim, o adolescente iria buscar relações com pessoas que se pareçam consigo, que tenham os mesmos interesses, que visem os mesmos ideais, da mesma forma que os ideais são modificados e reorganizados quando em um grupo.

Esse grupo, por vezes selecionado pelo sujeito, ou por vezes que o seleciona, atua cotidianamente nos modos de agir e pensar do adolescente. Uma das características ordinárias dos adolescentes contemporâneos é a manifestação de suas experiências como ordenador de uma relação. A partir disso, é possível compreender, como explica Deleuze (2001), que o sujeito não está evidentemente dado, mas se constitui nos dados da sua experiência vivida e no contato com os acontecimentos e momentos do existir.

Com acontecimentos modernos vem também o desenvolvimento de alternativas às experiências compartilhadas fisicamente, as quais levam os adolescentes a escolhas cada vez mais ficcionais-pessoais, sem a aparente necessidade de aceitação de terceiros ou a manutenção de uma relação direta. Seria esse o caso das redes sociais, das mídias virtuais e dos aparelhos tecnológicos no geral. Com o advento das redes sociais, Nóbrega (2010) comenta da possibilidade da criação de novas identidades e a caracterização de múltiplos papéis, o que implicaria, também, numa multiplicidade de representações e personificações, onde Turkle (1998), diz que os jovens se moldam e se criam incessantemente, até chegar a uma identidade que se conforme com seus valores e suas necessidades.

Nesse contexto, é interessante pensar a formulação por trás dos porquês da inserção nas redes sociais. São variados os motivos para cada utilização, pois difere de sujeito para sujeito e, assim, cada utilizador tem seus motivos e caracteres subjetivos, portanto depende da subjetividade e dos interesses de cada um, pois, conforme Bauman (2005), a identidade da sociedade contemporânea está sendo construída e moldada através da chamada "cibercultura". Com isso, é comum aos adolescentes de hoje a elaboração de grupos virtuais em detrimento aos grupos físicos. Inicialmente, tal ocorrência tem como principal evidência a possibilidade de se

conectar com outras pessoas, sem que necessariamente seja por contato direto. De acordo com uma pesquisa realizada por Spizzirri, Wagner, Mossmann e Armani (2017), a conexão com a família, a economia de tempo, a informação acelerada etc.; fazem parte do fomento principal do arcabouço que liga o adolescente à rede.

Assim, compreendemos com Valente (2014), que o adolescente moderno é excessivamente atravessado pelas camadas das redes sociais e das estruturas tecnológicas, sendo moldado nessa perspectiva, desde o sentido clássico de aprendizagem, do fator didático das redes, onde essas favorecem as conexões neurais, podendo ser consideradas ferramentas cognitivas, até aos excessos do vício em seus fenômenos de experimentação, dependência psíquica e emocional, levando a possibilidades de adoecimento, fixação e, como diz Pontes e Padrão (2014): dependências, distúrbios e patologias.

Para o entendimento de como se expressa a identidade e os processos de dependência do adolescente em relação às redes sociais, é importante relatar que, em um projeto de pesquisa realizado por Alves, Costa, da Costa, Ferreira, Simão, Silva, Valadares e Huertas (2018), graduandos de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, buscou-se entender como a utilização das redes sociais afetam as relações interpessoais dos adolescentes, e identificou-se três grandes facetas da utilização das redes sociais por estes: a primeira diz do caráter de inserção; a segunda diz da dependência e dos aspectos intrapsíquicos advindos com a utilização das redes; e a terceira diz do autoconhecimento dessa dependência, dos afetos desta na vida do próprio sujeito, e da ausência da busca pela emancipação dessa dependência. No decorrer deste artigo, algumas falas dos entrevistados nesta pesquisa serão utilizadas, com os nomes identificados por siglas no final de cada uma.

A primeira grande faceta remonta inicialmente ao fato de que o adolescente se sente isolado em sua própria singularidade. Desse modo, busca um grupo de pessoas que compartilhe ou que lhe aprove determinados comportamentos. O grupo físico, em suas particularidades, auxilia ou infere comportamentos aos membros. Os adolescentes entrevistados no projeto de pesquisa relatam que utilizavam as redes por pressão e influência dos amigos, havendo uma espécie de necessidade de aceitação pelos outros, ou mesmo um medo postergado de ser excluído do meio se não partilhasse dos mesmos interesses do grupo.

Dessa forma, é possível a compreensão de que para se introduzir num determinado grupo, deve-se primeiro gerir uma condição de personalidade coletiva, e assim, operar de acordo com as necessidades que surgirem. Nas entrevistas, ficou contemplado que: para se estabelecer uma categoria de relação presencial com determinadas pessoas, era também necessário atender aos requisitos do grupo. De certa forma, esses grupos de jovens da atualidade

se organizam por meio das redes e, sendo assim, para fazer parte do grupo, havia essa necessidade da participação em uma rede social. É notório que o comportamento nas redes reflete as questões internas e subjetivas do sujeito, bem como as maneiras de se relacionar. Na atualidade, presencialidade e virtualidade são dois polos de existência que marcam a vida do adolescente enquanto ser em desenvolvimento e descoberta.

Bauman (2004), considera que as “conexões de fluxo”, como chama as relações nas redes virtuais, são características de comportamentos mediados pelas novas tecnologias, e que esses se constituem como a base para relacionamentos presenciais. Essas conexões de fluxo se enquadrariam na compreensão de “representação”, onde o sujeito virtual está aberto a todas as experimentações, possibilidades, solidariedade ou regressões. Destarte, cada representação do sujeito na rede se delinearía como um possível modo de identidade, ou subjetivação, que, em suas relações presenciais, fundaria os aspectos de significação para as suas inter-relações. Ainda, no ambiente da internet, Nóbrega (2010) diz que as redes sociais se tornam um local onde essa e outras vertentes das representações identitárias convergem, e a identidade do adolescente não é mais um coisa dada no nascimento, pois passa a ser conceituada em algo em construção e transformação constante.

A seguir, partiremos para a análise das outras duas grandes facetas, referidas anteriormente: da dependência das redes sociais nos processos intrapsíquicos dos sujeitos; o autoconhecimento dessa dependência, as formas que essas redes influenciam no estado emocional e os sintomas decorrentes da possibilidade de dependência da tecnologia pelos adolescentes, e da ausência da busca pela emancipação dessa dependência.

### **3 REDES SOCIAIS E OS MODOS DE DEPENDÊNCIA - A EXPRESSÃO DA SINTOMATOLOGIA**

Após os fatores de inserção, a organização nas redes sociais tende a seguir padrões. Um desses padrões se expressa na organização comportamental. O comportamento de uso, comportamento de regulação, entre os comportamentos de crítica e utilização moderada, partem em direção aos aspectos intrapsíquicos do adolescente, pois dizem de um caráter mais que individual, mas principalmente cognitivo e subjetivo. Esse caráter de utilização modera as vicissitudes do adolescente em relação a si mesmo na esfera virtual e física, desenvolvendo possibilidades para além do simples entretenimento. Nóbrega (2010, p. 97), então analisa que “a construção das identidades, virtuais ou não, ocorre no espaço do simbólico. Toda concepção

identitária se esboça em forma de representação e no caso das redes virtuais de relacionamento, a representação do indivíduo se dá por meio da publicização do eu".

Assim, notamos que a dependência tende a agir de formas mais sutis e coerentes com a rotina de cada adolescente. Além de uma questão egóica, de "publicização do eu", a dependência nas redes se torna fundamentalmente um processo de movimento. A utilização segue o curso de necessidade de cada um, e a necessidade acaba por se tornar a própria utilização, na medida em que o adolescente se deixa desvelar por ela. Mais do que apenas se deixar levar, a sutileza do cotidiano e dos momentos em cada uso escondem a forma que a pessoa se assujeita a esse tipo de tecnologia.

Constantemente, a maior característica dos usuários das redes virtuais tende a ser a incapacidade ou dificuldade de manter uma relação presencial. Entre essas relações e a dependência de internet na adolescência, Birnie E Horvath (2002), argumentam que o déficit das capacidades e habilidades sociais nesse contexto causa a Dependência de Internet, pois indivíduos com o repertório reduzido ou fragilizado dessas "habilidades sociais", preferem uma interação virtual, on-line, pois a Internet se torna uma ferramenta e proteção aos anseios e preocupações em socializar face a face.

Numa relação, a principal estrutura da linguagem é a comunicação, as trocas entre os indivíduos e o conhecimento que se constroi em relação ao outro. Na utilização das redes, o que pode influenciar essa relação são desejos e vontades individuais de um sujeito, sobre as necessidades do outro.

Dessa maneira, Kraut e coautores (1998) trazem uma discussão importante sobre como o uso massivo da internet diminui a comunicação dos usuários com seus familiares e com membros de seu círculo social face a face, trazendo um aumento de quadros de depressão e também de episódios de solidão. O que poderia definir esse uso massivo das redes, não é só o entretenimento, mas também manifestações íntimas e complexas, que partem de cada utilizador, entre vários outros fatores. O adolescente prioriza o bem-estar subjetivo, o ganho imediato de uma espécie de satisfação com a utilização das redes, considera sua sensação particular como uma necessidade do seu dia a dia. Portanto, prioridade diz do conteúdo de uma sensação, de um desejo e de uma decisão aparentemente individual. A necessidade se mostra como um encargo dentro dessa prioridade. De uma forma generalista, pode-se compreender que toda prioridade evoca uma necessidade, e que cada necessidade se propõe a uma prioridade.

Essa utilização afeta o adolescente na sua vida diária, faz parte dos seus momentos mais singulares. De forma a complementar as possibilidades do dia-a-dia, o adolescente vê uma válvula de escape de momentos cansativos da rotina. Young (2007), descreve que os

comportamentos compulsivos perante a utilização constante da rede são utilizados como estratégias para enfrentar situações desagradáveis, pois, momentaneamente, fazem com que a pessoa abstraia de seus problemas e, graças ao prazer obtido, os adolescentes passam a ter mais intensidade nesse comportamento.

O uso das redes tenciona o adolescente a críticas subjetivas, por vezes objetivas, ou meramente ocasionais. Essas críticas concernem tanto ao que vêem nas redes, quanto a sua postura em relação a tais coisas, bem como a sua posição em alguma relação interpessoal. As relações agora são mais dinâmicas, e o tempo para elas também.

Em uma das entrevistas Alves, Costa, da Costa, Ferreira, Simão, Silva, Valadares e Huertas (2018), um dos adolescentes comenta:

“Acesso! Fico no telefone o dia todo! Ah, porque o celular tem que tá presente assim”. F.B.

Nesse aspecto, chegamos a um dos principais pontos desta segunda faceta da utilização das redes sociais: a dependência sobre o sujeito em sua formação inicial.

A percepção da dependência se evidencia em particularidades de utilização. O uso constante das redes, a todo momento, desenvolve no adolescente uma consciência de necessidade. É discutível o quanto as redes sociais podem afetar na presencialidade, mas é cabível dizer que a virtualidade toma o espaço principal nas considerações do adolescente como sujeito, e as tecnologias da comunicação fomentam processos de compreensão do mundo a partir de uma visão feita sob medida.

Existe uma dependência, a partir do momento em que o adolescente não consegue se desvincular por um longo período de tempo da tecnologia. De acordo com Young (2007), a preocupação contínua sobre o tempo de conexão, a dicotomia entre tentar reduzir esse tempo em busca de novas satisfações, mas a incapacidade para o mesmo, bem como a fadiga e irritabilidade, sentimentos negativos, ansiedade, estresse e impaciência, assim como nervosismo, são expressos na patologia da Dependência da Internet (DI), citada anteriormente, atualmente considerada um dos transtornos psiquiátricos do século XXI. Pujol e outros (2009) descrevem a DI como um processo que se caracteriza basicamente pela incapacidade de controlar o próprio uso da internet, resultando em sofrimento e prejuízos significativos em diversas áreas da vida do indivíduo. Esta dependência pode ser específica, pelo conteúdo, como jogos de azar e pornografia, ou redes sociais; ou generalizada, envolvendo um uso multidimensional e incluindo pensamentos disfuncionais ao uso.

Nesse sentido, podemos dizer da internet como agente na regulação emocional do adolescente. Se em um primeiro momento se tem uma percepção de controle do sujeito sobre a própria utilização da tecnologia, lenta e sutilmente esse controle vai se tornando mais subjetivo, e o sujeito se tem dependente sobre os modos de utilização. Portanto, a dependência é um processo gradual, que afeta o adolescente na base do seu psiquismo.

De acordo com Young (2007) constantemente atravessados pela labilidade emocional (internet como forma de regulação emocional), o adolescente tem sua identidade ordenada por fases emocionais. A representação e possibilidade de personificações se limitam a busca por satisfação emocional na própria utilização, transferindo a busca pela autonomia por sentimentos de agrado e prazer, transformando a liberdade de escolha em restrição subjetiva, no sentido de modificação das estruturas de interação, onde os modos de subjetivação são diversos, mas se restringem a camadas mais superficiais de possibilidade do adolescente nesse contexto. Como dito por Terroso e Argimon (2016), a DI perturba as chamadas habilidades sociais, levando a déficits sociais, que possivelmente não se danificariam sem o meio virtual. Danos superiores são apontados no estreitamento das habilidades de percepção das emoções e seu entendimento, podendo gerar falta de empatia em virtude do desligamento do convívio social.

Por isso mesmo, Eijnden e outros (2010), citados por Terroso e Argimon (2016, p. 203), refletem que os adolescentes são os principais acometidos pela DI, pois "a adolescência é um momento marcado pela imaturidade dos sistemas cerebrais monoaminérgicos cortical frontal e subcortical", portanto, fazendo da impulsividade um traço típico desse momento do desenvolvimento, o que pode explicar o fato desses adolescentes "estarem mais vulneráveis ao uso patológico da internet", descrito por Ha e outros (2007), não conseguindo, assim, controlar a euforia para utilizar aquilo que lhes desperta grande interesse.

Com a expressão da dependência em sintomas não-adaptativos, como ansiedade, irritabilidade e estresse, a elaboração de relações interpessoais se torna cada vez mais difícil. A presencialidade já afetada pela utilização dos aparelhos tecnológicos, se torna frágil no desenvolvimento dessa sintomatologia.

Ainda de acordo com Young (2007), os adolescentes podem ressignificar seu próprio desenvolvimento em paralelo com as redes, buscando novas formas de utilização, para o processo de diminuição dos sintomas; ou vir a buscar maneiras e esforços repetitivos para diminuir o tempo de uso da internet, mas apresentando irritabilidade e/ou depressão com essa ausência ou impossibilidade de conexão. A identidade do adolescente pode buscar novas representações para superar e desenvolver novos modos de subjetivação, adequados ou satisfatórios.

Assim, com a dificuldade em lidar com essa falta e a ausência dos meios tecnológicos, o adolescente dependente pode manifestar sua insatisfação ou "fadiga emocional" de diversas maneiras: em projeções, em melancolia, em tristeza sem causa aparente, portanto: em depressão sustentada na impossibilidade de conexão, ou mesmo em depressão por via da não satisfação com a dependência.

A depressão está diretamente ligada às considerações da identidade do sujeito, e é importante salientar o quanto esse aspecto pode acometer nas decisões do adolescente, bem como na postura em relação a si mesmo.

Caplan e High (2011, p. 63) definem a existência de "um padrão claro e consistente na literatura indicando que a preferência por interações sociais virtuais está associada à solidão, Depressão, Ansiedade Social e poucas Habilidades Sociais".

A depressão tem como destaque os sintomas afetivos e alterações de humor. Na contemporaneidade, é tida como o mal-estar do século XXI. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a depressão vem ocupando o lugar de destaque nos problemas de saúde pública, podendo ser a segunda doença que mais afetará países desenvolvidos e se tornando a primeira em países em desenvolvimento no ano de 2020. (LAFER; AMARAL (2000); NASCIMENTO, 1999; OMS, MI-GAP MANUAL DE INTERVENÇÕES (2015).

Para Canale e Furlan (2016), a depressão é considerada para além de uma entidade clínica única, podendo apresentar inúmeras facetas e constituindo várias etiologias. Percebemos, assim, a complexidade em tentar delimitar ou classificar a depressão em psicopatologia. Widlöcher (2001), descreve o que ele chama de "sistema do deprimido", como impregnado por um sentimento no mundo subjetivo, sendo uma espécie de tristeza vital, onde a representação de si mesmo encontra-se em desvalorização e é marcada pela presença do sentimento de incapacidade e recriminação de interesses em relação ao presente, com apreensão em relação ao futuro, e nostalgia frente a face do passado.

Em relação a essa desvalorização de si mesmo no deprimido, e como se expressa na dependência tecnológica, é cabível a compreensão do desenvolvimento do estágio depressivo em relação às redes sociais e a expressão desses estágios através das redes como forma de manifestação da própria identidade, já que é compreendido com Nóbrega (2010, p. 99), que "os usuários das redes virtuais de relacionamento se utilizam da internet como ferramenta para construir suas identidades". As redes sociais se tornam um local por onde essas variadas formas de identidades são construídas, reafirmadas e refinadas por meio de símbolos. Assim, Fonseca e Cafieiro (2018), trazem que o ato de se manter conectado a internet por mais tempo que o pretendido gera dependências psicológicas, tal qual as dependências de substâncias químicas,

trazendo vários prejuízos a saúde física e mental do indivíduo [...] já que, de acordo com a pesquisa realizada, ficar muito tempo desconectado e distante das tecnologias de comunicação tem o poder de causar taquicardia, abstinência e resultar até mesmo em patologias.

Portanto, temos as vias de sintomas através da dependência, assim como a expressão do vício na tecnologia. Com tudo isso, se por um lado pode-se considerar a existência de um postulado da utilização abusiva dos meios tecnológicos como novas drogas, agindo diretamente nos processos cognitivos, neurais e comportamentais do adolescente, por outro, pode-se dizer também de uma nova estruturação simbólica, ética e intrapsíquica, numa ordem onde o adolescente se atenua sobre si mesmo, nas formas de construção da identidade nesse meio.

Apesar disso, o adolescente que não consegue ter as relações descritas anteriormente, desenvolve em sua identidade uma complexidade de questões acerca de suas possibilidades de representação. Os simbolismos do sujeito deprimido expressos nas redes sociais tendem a trespassar os sintomas não adaptativos e evocar uma busca por uma nova espécie de satisfação: o preenchimento do vazio.

Percebe-se que a depressão pelo dependente tecnológico tem inúmeras causas, desde a vontade para se ausentar da utilização, e não conseguir, como descrito anteriormente por Young (2007), até causas mais pessoais, ambientais, simbólicas, percebidas anteriormente em Kraut e outros (1998). O que se nota, então, é que esse tipo de tecnologia afeta o mundo subjetivo do adolescente, refletindo em todas as esferas da sua vida.

É importante ressaltar o quanto cada sujeito tem sua forma individual de lidar com algo, com cada sintoma, e que cada forma pode ser mais ou menos eficiente. Se em um dado momento tem-se a possibilidade de observar a necessidade de uma maior elaboração dos processos sintomáticos, de forma a buscar o melhor método de lidar com seus próprios vieses subjetivos, Tsitsika e outros (2011) dizem que o adolescente pode não compreender o todo que o acomete, mas instintivamente busca meios para amenizar o mundo percebido.

Cada um busca a centralização de uma relação, seja com o outro, no sentido da busca de um equilíbrio de integração, e consigo mesmo, onde o corpo, como diz Merleau-Ponty (1945), é simultaneamente sujeito e objeto, podendo se fechar ao mundo ou se dar abertura e se colocar em situação. Nesse caso, é expressivo a compreensão da terceira grande faceta da utilização das redes sociais, como pretendido, para percebermos como o adolescente defronta as possibilidades sintomáticas: o autoconhecimento da dependência.

#### 4 DA DEPENDÊNCIA E O LUGAR DA ANGÚSTIA

Percebemos, então, através da discussão exposta anteriormente, que o adolescente dependente tem suas próprias maneiras de lidar com os sintomas, indo desde elaborações básicas de comportamentos, como a aceitação da condição, até vieses mais extremos, como construções simbólicas que sufocam o sujeito no contexto de sua percepção. A exemplo: a criação da necessidade de se manter conectado, a idéia de tempo desperdiçado ou a ansiedade resultante em não querer utilizar a tecnologia de forma abusiva, mas ao mesmo tempo não conseguir se afastar.

Dessa forma, devemos pensar de forma ampla: o adolescente que percebe essa condição de dependência, também tem consciência dos afetos desta em sua própria saúde? A maneira como cada adolescente observa como o mundo o afeta é singular, individual, mas não se deve negar as várias consonâncias relatadas por estes em relação a utilização dos meios tecnológicos. Tsitsika e outros (2011), argumentam que apesar dessa percepção, os jovens normalmente desconhecem as possíveis consequências adversas do uso massivo da internet. Em algumas entrevistas realizadas no projeto de pesquisa de Alves, Costa, da Costa, Ferreira, Simão, Silva, Valadares e Huertas (2018), alguns adolescentes expõem como se sentem na ausência da tecnologia, mais especificamente, o celular e as redes sociais:

“Fico deprimido, só no canto, não saio, num converso com ninguém”. G.C.

“Ah, eu fico com raiva, nervoso, porque eu já me acostumei, então, quando eu não to com eu fico muito nervosa...”. D.J.

“Tristeza, tristeza. Ah, é ruim ficar sem telefone, porque o telefone é tipo aquela vida que você tem tendeu, tá tudo lá, suas fotos, tá tudo lá, aí você fica tipo... Não tem internet não tem como você nem receber aquela mensagem, aí fico muito triste”. F.B.

“Fiquei uma semana sem telefone, eu tive febre emocional, porque eu tava sem WhatsApp [...] fiquei bem ansiosa assim”. A.M.R.

Em vista disso, o adolescente entra no autoconhecimento da dependência, terceira faceta da utilização das redes sociais, identificada no projeto de pesquisa referido. Nesse momento, o adolescente tem uma perspectiva de que está frente a problemas, que seu próprio comportamento está sendo afetado, que a dinâmica de suas relações está diferente e que seu ponto de vista em relação às próprias experiências pode estar desarranjado e confuso, entre tantas outras características.

“[...] quando você vicia é uma coisa que não tem como você ficar sem”. G.C.

“[...] vem ajudando e atrapalhando ao mesmo tempo. [...] deixo de fazer muita coisa pra ficar no celular”. Q. H. M. S.

“Não consigo calcular. Porque aí eu entro e já me perco e infelizmente a rede social acaba se tornando um vício, porque você se perde e acaba ficando o dia todo e dispensa de suas obrigações”. P.D.R.

Consequentemente, mesmo que tais coisas sejam significativas e acentuem constantemente os processos de estruturação de contingências sintomáticas, levando os adolescentes a uma dependência cada vez mais carregada, estes, numa expressão do que seria aparentemente arbitrária, tendo certa noção da influência das redes sobre as próprias identidades, optam pela satisfação já declarada. O adolescente conhece a dependência, mas não existe uma aspiração para a emancipação total desta.

Dessa forma, percebemos que os adolescentes transitam entre a utilização das redes sociais, a própria dependência e a normatização desta, pois, como descrito pelos autores do projeto de pesquisa citados, os meios de construção da identidade mediante as representações expressas através das redes virtuais se firmam numa espécie de senso-comum, onde os adolescentes tendem a normalizar o contexto de utilização das redes e o afastamento dos meios sociais convencionais. Além disso, seria como uma espécie de experimentar um desligar da tarefa de cuidar do próprio ser.

Nóbrega (2010) também discute que a era pós-moderna permitiu às identidades a formação em torno do lazer, da aparência, da imagem e também do consumismo. O que poderia tornar a dependência um processo em normatização seria, portanto, os contextos sociais. As mídias sociais televisivas, os colegas de classe hiperconectados, os jogos de interesse que fomentam o consumo na sociedade, que visam o ganho com a utilização e rápida movimentação de informações advindas com as redes sociais, demonstram que estar conectado é profunda e essencialmente importante. Assim, os sujeitos, como dito no início deste artigo, tendem a seguir os padrões de conformidade da comunidade em que está inserido, gerindo uma espécie de condição de personalidade coletiva. Longe de tentar identificar na sociedade o que coordena a dependência, quer-se identificar aqui apenas o que, em um primeiro momento, a legitima. Devemos entender, então, que estar dependente é um processo individual, mas com bases no coletivo e em estruturas relacionais.

Para a fenomenologia existencial, não podemos compreender o homem da mesma forma como os outros entes. Essa regularidade de escolher entre a realização de suas possibilidades e potencialidades de ser, a tomada de decisões entre significados para a própria vivência e

existência, pela fenomenologia existencial, são o que definem o sujeito como fundamentalmente livre. Para Heidegger (1993), a pessoa, enquanto ente, possui duas condições ontológicas fundamentais: o ser mortal, onde o Dasein (Ser-aí) sabe de sua finitude, e o ser livre. No cotidiano, essas condições são vivenciadas por meio dos sentimentos inerentes da angústia e da culpa.

Boss (1975), vem dizer da angústia primordial do Dasein que se expressa no medo do não-ser (morte), experienciada no confronto entre a necessidade de realização de nossas potencialidades, e a ameaça da não realização das mesmas. A culpa se relaciona a consciência (saber junto - com) de que o Dasein está sempre em jogo, e dessa forma, o Dasein é convocado por si próprio a dar conta do seu existir e do estar-aí-no-mundo, do apelo do ser. Portanto, devemos sempre escolher um modo de ser. Somos possibilidade, não determinação, pois Dasein é sempre ser-existindo-aí, e se encontra na abertura para novas experiências.

Dessa forma, com Heidegger (1993), vemos que a expressão fenomenológica “ser-no-mundo” deve ser compreendida como um fenômeno de unidade, que primeiramente deve ser vista como uma estrutura de realização, dado que a existência do homem no mundo, como ser, se desenvolve em realizações, possibilidades, anseios e fracassos.

De acordo com Duboi (2004), “a angústia é precisamente a experiência do ser-no-mundo enquanto tal, do próprio mundo”. Desse modo, a angústia vem do ser-no-mundo, e se angustia ao ser-no-mundo, “para ele mesmo, pura e simplesmente, em sua nudez”. A angústia pode ser entendida como a mundanização do mundo, do nosso lugar, da vida – o sentido ontológico-existencial a priori que estrutura o mundo. Heidegger (1988, p. 250-255), afirma que: “Se, portanto, o nada, ou seja, o mundo como tal, se apresenta como aquilo com que a angústia se angustia, isso significa que a angústia se angustia com o próprio ser-no-mundo”.

Portanto, pelo fato de ter que ser-alguma-coisa o tempo todo, o sujeito se põe em posição com o mundo numa busca de sentido para sua existência. De tal maneira, sabendo que essa condição é impossível de ser transferida para outro, a vida e o mundo pode ser sentida como peso. De acordo com Santos (2001), ciente disso, o Dasein experimenta a angústia, dor, tédio, sendo essa a vulnerabilidade existencial do ser do ser humano, que abre as portas para a busca pela satisfação e em minimizar os sentimentos de angústia, assim como por momentos prazerosos e por uma vivência mais tranquila nas possibilidades do cuidado (sorge), do alívio no preocupar-se com sua existência. Ou seja, uma espécie de busca pela alteração da consciência.

Fica claro que, do ponto de vista da fenomenologia existencial, o ser livre do ser humano está fadado ao encontro com sua própria vulnerabilidade, e esta vulnerabilidade é o tecido que

mantém as relações do ser com o mundo. É a angústia do sujeito que o faz encarar a própria existência. Porém, as possibilidades de abertura para experimentação de formas de existência são diversas, pois é nessa conjuntura que o ser se descobre e se reorganiza, de forma a minimizar o seu sofrimento e, portanto, a sua própria angústia. É por meio desse processo que percebemos o quanto as possibilidades de ser no mundo podem vir a ser assustadoras.

Por conseguinte, essa busca ontológica interminável da fragilidade existencial humana em minimizar os sentimentos de angústia, sofrimento e culpa, nos permite pensar no sentimento do dependente tecnológico na base do seu significado. É o estreitamento e a reorganização do modo de cuidar de si enquanto dependente, as novas formas de observar o mundo, logo no início da utilização, que transformam esse modo de vida em algo tão aparentemente ativo e encantador; ligeiramente, um modo mais prazeroso e confortável de se estar no mundo. Além disso, no decorrer dos modos de utilização, da Dependência de Internet com sua sintomatologia, da identidade carregada de representações, entendemos, assim, uma nova espécie de ser, como novos modos de subjetivar-se.

Os questionamentos de Mansano (2009, p. 114) sobre modos de subjetivação são essenciais para se pensar a angústia nesse contexto: "Quais modos de vida precisam ser abandonados e quais outros pedem passagem em nossos dias? Qual a potência que temos para produzir outros modos de existir e colocá-los em circulação no social?".

Portanto, como cada um empreende a compreensão do seu estar-no-mundo e o seu cuidar desse estar-no-mundo é o que vai determinar os vieses desta experiência. Os sentidos para a própria existência se abarcam com base nesta conjuntura, nunca se colocando passíveis de determinação. Não podemos compreender o mundo em um âmbito intrinsecamente individual, numa interioridade fechada, mas em movimento, em fluxo. Na Era das Novas Tecnologias, novas ideais, novos discursos e novas pessoas surgem com novos modos de existência. Como compreendido no decorrer do texto, são espaços para criações de identidades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No sentido de analisar as questões adolescentes em relação aos grupos e redes, como estes jovens modernos se localizam nesses grupos, e de quais modos sua singularidade se expressa na sintomatologia da dependência, o presente artigo conseguiu identificar, numa análise sincrética, os fenômenos, os contextos, as contingências e as significações advindas com essas experiências na dependência tecnológica. Entendeu-se que a formação da relação da

identidade do adolescente se dá por uma lógica psico-coletiva, portanto, grupal, nos processos de relação.

Os modos de subjetivação se encontraram, nesse sentido, abertos a novas formas de reestruturar-se. Nessa lógica, encontram-se em busca de novas constituições de significados, amparadas pelas conexões de fluxo que fundam aspectos das inter-relações entre os adolescentes. Por fim, entendeu-se que, num movimento de priorizar um bem-estar subjetivo com a utilização das redes, em busca de satisfação das demandas da dependência, o adolescente concebe os polos de necessidade e prioridade em sua rotina de utilização da tecnologia, do seu dia-a-dia, o que o levaria a graduais enfoques de uma sintomatologia mais grave.

Ao dialogar com a temática das redes sociais, fica exposto que as possibilidades de representações abertas a vista desses jovens modernos são infinitas, de forma que a própria identidade também se encontra nesse parâmetro. Pela possibilidade de inúmeras representações de si e do outro, se torna comum aos adolescentes de hoje a elaboração de grupos virtuais em detrimento aos grupos físicos. Por conseguinte, percebeu-se que através da massiva utilização das redes, os acometimentos dessas nos processos intrapsíquicos dos sujeitos se expressavam através da sintomatologia da depressão, da ansiedade, do estresse e de outros sintomas não adaptativos. Dessa forma, então, tivemos a escopo das redes como forma de modulação e elaboração no comportamento, no estado emocional, psíquico e relacional do adolescente, com manifestações da dependência da tecnologia tendo como perturbações principais afetos na presencialidade e virtualidade.

Depois de compreendermos que a dependência tecnológica é legitimada e normatizada pela sociedade de consumo ao qual o adolescente moderno se insere, compreendemos que a total fuga desse contexto é impossível. O que seria mais alcançável ao nosso âmbito é a minimização das consequências da dependência. Esse é um fruto da ressignificação e observância das próprias possibilidades, dos próprios meios, dos seios que cercam o ser.

É de significativa importância destacar que, ao dialogar com as novas tecnologias da informação e comunicação, não se desconsidera as possibilidades e os vários ganhos que estas trouxeram para a sociedade nos últimos anos. É inegável que os avanços tecnológicos são imprescindíveis para a continuidade do sucesso humano e do auxílio de vários jovens em todo o mundo, bem como a produção de conhecimentos científicos advindas com esses meios.

Portanto, essa discussão cabe uma análise mais aprofundada, pois ao fazermos uma breve discussão da temática, através de alguns pressupostos da filosofia existencial, observamos que há mais perguntas que respostas diante de como é o ser-adolescente no mundo infindo de possibilidades das tecnologias de comunicação.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Cláudia. A construção da identidade: auto-conceito e autonomia em adultos emergentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n1/2175-3539-pee-20-01-00137.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2019.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004
- BIRNIE, S. A., & Horvath, P. Psychological predictors of Internet social communication. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 7(4). doi: 10.1111/j.1083-6101.2002.tb00154.x. 2002.
- BOSS M. **Angústia, Culpa e Libertação**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975
- CANALE, A.; FURLAN, M. M. D. P. Depressão. **Arquivos do Mudi**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 23-31, 2006. Disponível em: <http://ojs.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/viewFile/19922/10816>. Acessos em: 27 mai. 2019
- CAPLAN, S. E.; HIGH, A. C. Interação social na internet, bem-estar psicossocial e uso problemático de internet. In: Young, K. S.; Abreu, C. N de. (Orgs.), **Dependência de Internet: manual e guia de avaliação e tratamento**. Porto Alegre: Artmed. 2011.
- DIAS, A. C. G. A revelação de si na internet, um estudo com adolescentes. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.
- DELEUZE, G. **Empirismo e Subjetividade**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume (L. B. L. Orlandi, trad.). São Paulo: Editora 34, 2001.
- DUBOIS, C. **Heidegger: introdução a uma leitura**. Trad. Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- EIJNDEN, R. J. M., Spijkerman, R., Vermulst, A., Rooij, T. J., & Engels, R. C. **Compulsive Internet use among adolescents**: bidirectional parent-child relationships. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 38, 77-89. 2010.
- FONSECA, Daiane Aparecida Vaz; CAFIEIRO, Gabriela Machado. **REDES SOCIAIS E SUAS INFLUÊNCIAS NAS INTER-RELAÇÕES ENTRE JOVENS ADULTOS**. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, [S.l.], v. 6, n. 2, mar. 2018. ISSN 2525-359X. Disponível em: <http://jornal.faculdadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/644>>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- GUATTARI, F. & Rolnik, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HA, J. H., Kim, S. Y., Bae, S. C., Bae, S., Kim, H., Sim, M., Cho, S. C. Depression and Internet Addiction in Adolescents. *Psychopathology*, 40, 424-430. 2007.

HEIDEGGER, M. **Ser e o Tempo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes; 1993.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo* (M. de S. Cavalcanti, trad.). (2. ed.) Petrópolis: Vozes, 2v. (original publicado em 1927). 1988.

KRAUT, R., PATTERSON, M., LUNDMARK, V., KIESLER, S., MUKOPADHAYAY, T., & SCHERLIS, W. Internet paradox: A social technology that reduces social involvement and psychological Well-Being? *American Psychologist*, 53, 1017-1031. 1998.

LAFER, B.; AMARAL, J. A. M. S. Depressão no ciclo da vida. **Porto Alegre: Artes Médicas**, 2000. São Paulo, v. 22, n. 3, p. 151-152, Sept. 2000. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462000000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000300013&lng=en&nrm=iso). Acessos em 16 mar. 2019.

MAFFESOLI, Michel. *Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MANSANO, S. R. V. Subject, subjectivity and modes of subjectivity in contemporary world. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8 (2), 110-117. 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2016. (Obra original publicada em 1945)

NASCIMENTO, I. Depressão unipolar: uma revisão. *Revista de Informação Psiquiátrica*, v. 18, n. 3, p. 75-83, 1999.

NÓBREGA, L. P. A construção das identidades nas redes sociais. **Fragmentos de Cultura**, v. 20, n. 1/2, p. 95-102, jan./fev. 2010. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/download/1315/899>. Acesso em: 10 mai. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE; Brasil, Ministério da Justiça; Organização Pan-Americana da Saúde (Brasília, D.F, OPAS, 2015)

PONTES, Halley; PADRÃO, Ivone. **Estudo Exploratório Sobre as Motivações Percebidas no uso Excessivo da Internet em Adolescentes e Jovens Adultos**. Lisboa, 2014. Disponível em: <https://pch.psychopen.eu/rt/printerFriendly/93/html>. Acesso em: 10 mai. 2019.

PUJOL, C. C., SCHMIDT, A., SOKOLOVSKY, A., KARAM, R. G., SPRITZER, D. T. Dependência de Internet: perspectivas em terapia cognitivo-comportamental. **Rev Bras Psiquiatr**. 31,181-92. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v31n2/v31n2a19.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.

SANTOS, Eder Soares. **As angústias Impensáveis em Relação à Angústia de Castração**. 2001. Dissertação de Mestrado - IFCH – UNICAMP, Campinas/SP, 2001.

SPIZZIRI, R. C. P., WAGNER, A., MOSMANN, C. P., & ARMANI, A. B. Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 30, n. 69, nov. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23288>. Acesso em: 20 mar. 2019.

TERROSO, L. B.; ARGIMON, I. I. L. Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes. **Estud. pesqui. psicol.** Rio de Janeiro. 16, 200-219. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v16n1/v16n1a12.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

TURKLE, S. **A vida no ecrã: A identidade na era da Internet**. Lisboa: Relógio d'água. 1998.

VALENTE, José Armando. A Comunicação e a Educação baseada no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. **Revista UNIFESO – Humanas e Sociais**. 1. v.2014. Disponível em: <http://www.revista.unifeso.edu.br/index.php/revistaunifesohumanasesociais/article/view/17/24>. Acesso em: 23 mar. 2019.

WIDLÖCHER, D. **As lógicas da depressão**. Lisboa: CLIMEPSI, 2001.

YOUNG, K. Cognitive behavior therapy with Internet addicts: Treatment outcomes and implications; *Cyberpsychology & Behavior*, 10, 671-679. 2007.